

SIMPÓSIO AT058

ASPECTOS ORAIS DO GÊNERO DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO

SANTOS, Maria Francisca Oliveira
Universidade Federal de Alagoas
mfosal@gmail.com

SILVA, Romildo Barros da
Universidade Federal de Alagoas
romildomi@hotmail.com

SANTOS, Janyellen Martins
Universidade Federal de Alagoas
janyellenmartins@gmail.com

Resumo: O presente trabalho analisa os aspectos orais do debate político que possibilitam a execução da sua função comunicativa. O debate político televisionado é entendido como um gênero da esfera política, jornalística e, também, midiática. Para Costa (2009), os debates podem ser públicos e regrados e, geralmente, há a presença de um moderador. Esses produtores se organizam para tentar persuadir e convencer seu público, principalmente os eleitores indecisos. Entretanto, para almejar a tal objetivo os candidatos se utilizam de vários recursos orais de que o gênero dispõe. Essa interação com o público, no entanto, é idealizada e não ocorre *in loco*, já que o telespectador tem acesso ao gênero por um suporte não interativo: televisão. Ao observar a dinâmica de sua produção, os debates políticos são considerados gêneros textuais de natureza oral e monitorados que requerem planejamento, mesmo sabendo que eles se situam no eixo da fala, concordando com Marcuschi (2010). Essa pesquisa conta com contribuições teóricas de Aristóteles (2011), Marcuschi (2003) e (2007), Preti (2000), entre outras. Para que os aspectos orais fossem evidenciados, apresentam-se duas análises advindas de debates políticos do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2014. O que se percebeu previamente são os diversificados recursos da oralidade que fazem com que o gênero em estudo seja compreendido como multimodal, mas, sobretudo, que tem por finalidade a persuasão do público televisivo.

Palavras-chave: Debate político; Gênero textual; Oralidade.

Abstract: The present work analyzes the oral aspects of the political debate that allow the execution of its communicative function. The televised political debate is understood as a genre of the political sphere, journalistic and, also, media. For Costa (2009), the debates can be public and regulated and, generally, there is the presence of a moderator. These producers organize themselves to try to persuade and convince their public, especially the undecided voters. However, in order to achieve this goal,

candidates use various oral resources that gender has. This interaction with the public, however, is idealized and does not occur *in loco*, since the televiewer has access to the genre by noninteractive support: television. By observing the dynamics of their production, political debates are considered oral and monitored textual genres that require planning, even though they are situated on the axis of speech, agreeing with Marcuchi (2010). This research has theoretical contributions by Aristotle (2011), Marcuschi (2003) and (2007), Preti (2000) and others. For the oral aspects to be evidenced, two analyzes are presented in political debates of the second round of the Brazilian presidential elections of 2014. What was previously perceived are the diversified oral resources that make the study genre to be understood as multimodal, but above all, the purpose of which is to persuade the television public.

Keywords: Political debate; Genre; Orality.

Introdução

Este estudo analisa duas categorias da oralidade manifestadas no gênero debate político televisionado: as repetições e as pausas. Esses recursos envolvem estratégias linguísticas e também retóricas durante seu uso. A exemplo, os efeitos de sentido, as retomadas de referentes e a projeção das imagens discursivas (*ethe*).

O trabalho se organiza em quatro seções: a primeira mostra as características gerais da oralidade; a segunda e a terceira especificam o funcionamento das pausas e repetições; a última seção aplica essas teorias nos fragmentos transcritos do debate do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras no ano de 2014.

1. Oralidade: aspectos gerais

Na manifestação da linguagem, a interação ocorre tanto pela oralidade quanto pela escrita. Nesse sentido, a oralidade é um tipo de prática social que ocorre por meio de aparato sonoro, de diferentes formas e gêneros, indo da “realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.” (MARCUSCHI, 2010, p.25). Como modalidade da língua, pode-se dizer que a oralidade surge como primeira manifestação da linguagem nos seres humanos, já que ela é adquirida de forma espontânea no convívio familiar.

Apesar de haver um predomínio da escrita, não há uma supremacia desta última em relação à oralidade. Pelo contrário, a oralidade é e continua efetivamente presente nas práticas linguísticas do dia a dia. “A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia.” (MARCUSCHI, 2010, p.36).

Além disso, mesmo a escrita sendo mais privilegiada no âmbito social, os indivíduos falam mais que escrevem (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007). Nesse sentido, a escrita não pode ser tida como sendo superior à oralidade, nem esta última superior àquela.

Esta visão [...] manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. [...] A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada. (MARCUSCHI, 2010, p.28).

Na realidade, a oralidade não pode ser observada sob a visão da escrita. Pelo contrário, deve-se considerar que ela tem características próprias que são inerentes a sua manifestação, as quais são orientadas por aspectos cognitivos, interacionais e pragmáticos de sua própria produção, afirma Koch (2013). Nessa perspectiva, é interessante observar que a língua falada não apresenta um planejamento prévio, pois tudo ocorre *in loco*, em um processo de (re)planejamento que acontece a cada novo jogo de linguagem (KOCH, 2015). Sendo assim, na oralidade, tudo se apresenta *in statu nascendi*, ou seja, o texto falado é o seu próprio rascunho, no qual tudo é planejado e verbalizado simultaneamente, não há como fazer revisões ou passar a limpo como é possível fazer na escrita. Desse modo, ela é o processo e não o resultado dele, como é o caso da escrita, por isso se diz que a fala é dinâmica.

Além disso, os textos falados apresentam descontinuidades recorrentes, “determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância.” (KOCH, 2015, p.45). Outro aspecto observado é a sintaxe característica dessa modalidade da língua, mas que não deixa de lado a sintaxe da língua em geral.

Ademais, outra característica da modalidade oral da língua é a coprodução, ou seja, o texto falado é formado numa cooperação entre os interlocutores, resultando numa produção conjunta, fruto de uma interação imediata, já que, na produção de textos nessa modalidade, os indivíduos estão, muitas vezes, em um mesmo tempo e espaço, o que já não é possível na escrita, já que as interações são tardias. Dadas essas características da fala, é interessante considerar que as diferenças existentes entre a primeira e a escrita são situadas no *continuum* tipológico das práticas sociais, conforme Marcuschi (2010).

Embora fala e escrita apresentem características próprias que as identificam e as diferenciam, essas modalidades não podem ser vistas de forma dicotômicas, pois muitas de suas características não são exclusivas de uma ou outra modalidade e que suas diferenças precisam ser vistas no *continuum* tipológico. Assim, essas duas modalidades da língua devem ser observadas e estudadas a partir dos usos da língua e não meramente pela perspectiva do código.

2. Pausas e suas funções no texto oral

As pausas fazem parte da organização do texto oral e são um meio de transição entre os turnos de fala, de acordo com Marcuschi (2003). São categorias que se incluem nos chamados *recursos suprasegmentais*, que “são de natureza linguística, mas não de caráter verbal.” (MARCUSCHI, 2003, p.63). Aparecem com frequência no fim de unidades comunicativas e podem ser curtas, médias ou longas, conforme o autor.

Essa categoria pode ser proveniente de um planejamento sintático, as chamadas *pausas sintáticas*, as quais podem ligar uma unidade comunicativa à outra quando vêm no lugar de conectivos (*pausa sintática de ligação*), ou podem separar unidades comunicativas quando surgem depois de um sinal de fechamento (*pausa sintática de separação*), segundo Marcuschi (2003).

Marcuschi (2003) traz, ainda, as *pausas não sintáticas* que podem ainda ocorrer quando se busca um determinado elemento lexical (*pausa não sintática de hesitação*) ou reforçar dadas ideias (*pausas não sintáticas de ênfase*).

É interessante observar que nem todo silêncio é uma pausa, pois há silêncios que revelam uma manifestação discursiva (MARCUSCHI, 2015). Nesse sentido, as pausas, independentemente do tipo, auxiliam na organização do texto oral.

3. Repetição como processo de textualização

A repetição funciona como mecanismo para enfatizar as ideias de um discurso. Por isso, ela costuma ser compreendida como uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade. Marcuschi (2015) menciona quatro funções para esse processo do texto: a) contribui para a organização da coerência textual; b) favorece a coesão e a a geração de sequências mais compreensíveis; c) dá continuidade à organização tópica; d) *auxilia nas atividades interativas*.

Diante da grandiosidade de suas funções, será enfatizada neste estudo somente essa última função, isto é, as contribuições da repetição nas ações interativas do debate; uma vez que isso é primordial para a realização do gênero.

No debate, percebe-se, em múltiplas ocorrências, o mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes, caracterizando assim uma repetição. Entretanto, essa simples descrição deve considerar ainda as motivações dessas repetições; seja devido à manutenção da própria interação, por motivação sintática, ou quaisquer outras ações cognitivas intencionais.

Com essa constatação, nota-se que a repetição não é apenas “a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSCHI, 2015, p.221), mas assume-se como um processo de textualização complexo.

O referido linguista já revelara que as repetições promovem o envolvimento (interatividade) e a contra-argumentação (argumentatividade).

Sobre esses dois aspectos da repetição, a argumentatividade pode: conduzir, reafirmar, contrastar e contestar argumentos; a interatividade possibilita: expressar opinião pessoal, monitorar a tomada de turno, ratificar o papel de ouvinte, incorporar ou endossar asserções do parceiro, mostrar polidez etc., conforme Marcuschi (2015).

A repetição, portanto, serve para promover a função comunicativa dos gêneros, principalmente, os orais. Ela atua na formulação dos enunciados, mas sofre influência da situação comunicativa e, também, de fatores sociocognitivos. Assim, no debate político ela é entendida como um processo crucial para a persuasão do público: função comunicativa essencial.

4. Análises

Os excertos abaixo evidenciam usos de pausas e repetições de modo funcional, interativo e persuasivo. Esses fragmentos são advindos de transcrições do debate político do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras no ano de 2014. Os dados são públicos e estão disponíveis em plataformas virtuais na internet. Todo o processo de transcrição seguiu os critérios de transcrição sugeridos por Marcuschi (2003) e Preti (2000).

4.1 Fragmento 1

E2 - eu quero responder a candidata E1 olhando nos seus olhos... a senhora está sendo *leviAna*... candidata... *leviAna*... o Ministério Público Federal atestou a regularidade dessa obra... e eu tenho que agradecer a oportunidade de falar sobre isso... eu fiz milHARES de obras no meu governo... milHARES... todas elas atestadas como obras coRREtas pra beneficiar as pessoas... essa obra de Cláudio que a senhora insiste em repetir e inclusive de forma também *leviana* na sua propaganda eleitoral... (36min.22seg. a 38min.23seg.)

Na resposta de E2, vê-se a repetição dos termos “leviana” para caracterizar o comportamento do debatedor oponente (E1). Fica em evidência, com isso, o caráter argumentativo/persuasivo dessa repetição, já que ele pretende inicialmente contestar a argumentação anterior de E1, que nas falas anteriores questionava algumas obras praticadas por E2 para beneficiar sua família, sugerindo nepotismo.

No entanto, além desse viés argumentativo, as repetições feitas por E2 pretendem adjetivar as atitudes de E1, ou seja, E2 está ilustrando negativamente a imagem discursiva (*ethos*) do seu oponente, o que pode contribuir para o seu fazer persuasivo naquele momento de fala.

4.2 Fragmento 2

E1 – candidato... *leviano*... neste caso último que nós estávamos discutindo foi o *senhor*... queria lhe perguntar *agora*... *sobre*... como o senhor vê a questão da *violência* contra a *mulher*... para mim é um compromisso fundamental... *acredito*... que a *violência* que afeta a *mulher*: *atinge*... os *la:res*... destrói os laços *família::res*... inclusive prejudica jovens e crianças... ela deve ser combatida... em TODas as suas dimensões a Lei Maria da Penha... foi um grande avanço nesse sentido... aprovADA no governo do presidente L e re:aprovADA no meu governo porque ganhamos no supremo... *se o senhor*... *se o senhor*... olhar: a questão... da: *violência* contra a *mulher* o senhor seria capaz de extinguir... a secretaRIA... que protege os direitos da *mulher*... dentro do governo federal?... *o senhor* faria o que:: para: garantir que essa luta: contra a *violência* continue?... (42min.05seg. a 43min.06seg.)

Esse fragmento demonstra a atuação orquestrada das pausas e repetições. Tem-se, no início do turno, a retomada do termo “*leviano*”, como forma de contrastar argumentos e ideias de E2; esse procedimento também tem cunho retórico, afinal E1 pretende preservar o seu *ethos*. Além disso, com essa repetição fica evidente a interação que esse termo exerce com o que fora proferido pelo debatedor adversário no bloco anterior.

No arcabouço das repetições, ainda, registram-se nesse um minuto de fala as repetições de: “*senhor*” (modalizador/forma de tratamento); “*violência*” (quatro vezes, demarcado o assunto da pergunta); e de “*mulher*” (também quatro vezes, estabilizando a temática do turno). Assim, além dessa organização tópica exercida por esses termos, a repetição atua interativamente.

Ademais, ao trazer o tema da violência para o debate, o enunciador 1 localiza os enunciados historicamente, aos casos de violência atribuídos à vida pessoal do debatedor opositor (E2), acusado de estar envolvido em casos de agressão contra a mulher. Mais uma vez está em voga as projeções de *ethos*, por meio de diferentes estratégias textuais.

As pausas curtas e médias registradas nessa transcrição demonstram domínio do discurso, projetando assim credibilidade diante do que é enunciado.

Além disso, como as pausas antecediam certos itens repetidos, nota-se que elas serviram de reforço para a ideia que estava sendo defendida. Assim, assertivamente, algumas pausas utilizadas por E1 são classificadas como pausas não sintáticas de ênfase, como explicara Marcuschi (2003).

Considerações finais

De modo geral, as pausas e repetições salientes nesses momentos de fala do debate político comprovam a riqueza dos textos orais e, além disso, confirmam que certos procedimentos retóricos, como a projeção de *ethos*, estão inoculados em recursos linguísticos. O debate é, por isso tudo, um gênero de natureza oral que agrega recursos suprasegmentais como as pausas textuais, como as repetições e, também, retóricos, como a construção da imagem discursiva (*ethos*). Tudo isso se instaura de maneira orquestrada, uma vez que a oralidade, a multimodalidade do gênero são recursos para a persuasão do público televisivo. Dessa maneira, no debate político, tudo é persuasivo.

Referências

KOCH, Ingedore G. V. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi. **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Spinardi. **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.